

AS FASES DO FASCISMO NAS REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

Las fases del fascismo en las reflexiones contemporáneas

Elga Pérez Laborde (UnB)¹

RESUMO: Interessa-nos analisar o fascismo como inimigo da arte e do livre pensamento. A luz das escritas de Umberto Eco, do analista Claudio Naranjo e outros autores, como Wilhelm Reich e Rüdiger Safranski procuramos dialogar sobre as diversas formas desse sistema, que vemos eclodir ciclicamente, e hoje em renovadas, mas repetidas expressões, diante da incapacidade dos sujeitos de se assumirem como seres livres. Assim, como observar as inibições do sentir, da anestesia física e emocional, dos falsos imaginários, desse “mandato de ignorância” a que se refere Eco no seu livro *O fascismo eterno*, um mandato de não olhar para o interior de si ou de não olhar, simplesmente, se trate de pensar ou de buscar verdades profundas e que, segundo Reich é a voz da conformidade diante da ameaça constante do totalitarismo.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo, poder, conflito, violência, totalitarismo.

A luz das escritas de Umberto Eco (1932-2016), do analista Claudio Naranjo (1932-2019) e outros autores, como Wilhelm Reich (1897-1957) e Rüdiger Safranski (1945) procuramos refletir sobre as diversas formas desse sistema, que vemos eclodir ciclicamente e hoje em renovadas, mas, repetidas expressões, diante da incapacidade dos sujeitos de se assumirem como seres livres. Assim, como observar as inibições do sentir, da anestesia física e emocional, dos falsos imaginários, desse “mandato de ignorância” a que se refere Eco no seu livro *O fascismo eterno* (1997), um mandato de não olhar para o interior de si ou de não olhar, simplesmente, se trate de pensar ou de buscar verdades profundas e que, segundo Reich, é a voz da conformidade diante da ameaça constante do totalitarismo. Procuramos achar fatores comuns de todos os fascismos.

¹ Professora Emérita do Departamento de Teoria Literária e Literatura – UnB. Contato: elgaplaborde@gmail.com

De fato, vivemos a beira do abismo imposto pela magnificação da ignorância e da obediência cega, robotizados e conduzidos perigosamente por comandos instantâneos através de uma tecnologia ultra refinada dos sistemas de redes e a nível global. A mesma, que pode ser uma grande aliada para o conhecimento é manipulada para a alienação social, cultural e econômica dos sujeitos. Uma cultura de repressão e hoje apoiada por “fake news”² sempre está abalando e tentando cercear as livres expressões do pensamento. Trata-se de uma ameaça constante que nos últimos anos, na polarização das sociedades ocidentais retorna com força redobrada e assustadora.

Nas palavras de Umberto Eco o fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes à paisana (...). O fascismo pode voltar sob o mais inocente dos disfarces. Nosso dever é descobri-lo e apontar nosso dedo para qualquer uma de suas novas instâncias - todos os dias, em todas as partes do mundo e devemos nos manter alertas para que o sentido dessas palavras não seja mais esquecido.

No "fascismo eterno", título e tema do seu ensaio, encontram-se o medo do diferente, a oposição à análise crítica, o machismo, a repressão e o controle da sexualidade, a exaltação de um "líder" e um constante estado de ameaça. Tais características não podem ser reunidas em um único sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas, é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista. O escritor delineia uma lista de vinte características típicas do que chama “Ur-Fascismo” ou “Fascismo Eterno”. Nos alerta que é suficiente que só uma delas esteja presente para permitir que o fascismo coagule em torno dela. Destaca, por exemplo, o culto a tradição o qual implica a rejeição do modernismo. O Iluminismo, a Era da Razão, é vista como o começo da depravação moderna. A cultura é suspeita na medida em que se identifica com atitudes críticas; a desconfiança do mundo intelectual sempre foi um sintoma do Ur-Fascismo. Cita para ilustrar a alegação de Goering: “quando ousar falar de cultura eu busco minha arma”, e o uso freqüente de expressões como “intelectuais degenerados”, “as universidades são um ninho de vermelhos”. Os intelectuais fascistas oficiais estavam engajados em atacar a cultura moderna e a intelligentsia liberal pela sua traição aos valores tradicionais. Na cultura moderna, diz, a comunidade científica elogia o desacordo como uma forma de melhorar o conhecimento e como sinal de diversidade.

² *Fake news* são formas de desinformação estrategicamente disseminadas que ganharam impulso graças à internet.

Eco assinala que *Mein Kampf* (Hitler)³ é um manifesto de um programa político completo. O nazismo tinha uma teoria do racismo e do povo escolhido ariano, uma noção precisa de arte degenerada, uma filosofia de vontade de poder. O nazismo era decididamente anticristão e neopagão, enquanto o Diamat (Inversão abreviada de *materialismo dialético* e versão oficial do marxismo soviético) de Stalin era abertamente materialista e ateu. Se por totalitarismo se quer dizer um regime que subordina todo ato do indivíduo ao Estado e sua ideologia, tanto o nazismo como o stalinismo eram verdadeiros regimes totalitários.

O fascismo italiano foi certamente uma ditadura, afirma Eco, mas, não foi totalmente totalitário, não por causa de sua suavidade, mas por causa da fraqueza filosófica de sua ideologia. Ao contrário da opinião comum, o fascismo na Itália não tinha uma filosofia especial. O artigo sobre fascismo assinado por Mussolini registrado na Enciclopédia Treccani (1929)⁴ foi basicamente inspirado por Giovanni Gentile⁵ (1875-1944), mas, refletia uma noção tardia Hegeliana do estado absoluto e Ético, que nunca foi completamente realizada pelo ditador italiano. Segundo Eco, Mussolini não tinha filosofia: ele só tinha retórica. Ele era ateu militante no início que depois assinou a Convenção com a Igreja e deu as boas-vindas aos bispos que abençoaram as flâmulas fascistas. Em seus primeiros anos anticlericais, de acordo com uma provável lenda, uma vez ele pediu a Deus para provar sua existência, que o atacasse imediatamente. Mais tarde, Mussolini sempre citou o nome de Deus em seus discursos e não se importou em ser chamado de Homem da Providência.

Segundo Eco, o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que tomou conta de um país europeu, e todos os movimentos semelhantes encontraram depois uma espécie de arquétipo no regime de Mussolini, foi o primeiro a estabelecer uma liturgia militar, um folclore, até mesmo uma maneira de se vestir - muito mais influente, com suas camisas pretas. Foi somente nos anos 30 que apareceram movimentos fascistas, com Mosley na Grã-Bretanha, e na Letônia, Estônia, Lituânia, Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Noruega e até em América do Sul. Foi o fascismo italiano que convenceu muitos

3 *Mein Kampf* (em português: Minha Luta) é o título do livro de dois volumes de autoria de Adolf Hitler. Contém suas ideias antissemitas, anticomunistas, antimarxistas, racialistas e nacionalistas de extrema-direita, então adotadas pelo Partido Nazista. O primeiro volume foi escrito na prisão e editado em 1925, o segundo foi escrito por Hitler fora da prisão e editado em 1926. *Mein Kampf* tornou-se um guia ideológico e de ação para os nazistas, e ainda hoje influencia os neonazistas, sendo chamado por alguns de "*Bíblia Nazista*". As ideias propostas em *Mein Kampf* não surgiram com Hitler, mas são oriundas de teorias e argumentos então correntes na Europa. Na Alemanha nazista, era uma exigência não oficial possuir o livro. Era comum presentear o livro a crianças recém-nascidas, ou como presente de casamento. Todos os estudantes o recebiam na sua formatura.

⁴ A Enciclopédia Treccani é o nome divulgado da Enciclopédia Italiana de Ciência, Literatura e Arte.

⁵ O maior teórico do fascismo italiano.

líderes liberais europeus de que o novo regime estava realizando reformas sociais interessantes e que fornecia uma alternativa levemente revolucionária a ameaça comunista. Um movimento que se transformou em verdadeira paranoia ao longo do tempo.

A ordem do patriarcado

Claudio Naranjo, psiquiatra e representante da Psicologia Transpessoal⁶, depositário de múltiplas tradições, terapias e ensino: Arica, Sufismo, Gurdieff, Gestalt, Budismo Tibetano, entre outras correntes, aponta que o “macro-problema” do mundo reside essencialmente na permanência da ordem patriarcal. Esta seria com suas sequelas de valores adjuntos - autoritarismo, força, competitividade etc.- a que preside nossas mentes individuais e nossas estruturas sociais e políticas. Uma espécie de loucura que parece, efetivamente, estar dirigindo a marcha dos assuntos humanos. Algo sobre o qual todos falam e sobre o qual há diversos diagnósticos. Trata-se do pior de nossos males: o totalitarismo tecnocrático. A seu ver, as calamidades se multiplicam e destaca a crise de insegurança que padece o mundo. Temas como as guerras e as armas, consideradas por muitos como um aspecto mais da natureza humana, tornara-se letais numa medida incontrolável. Calcula-se que por cada dezessete anos de guerra só se tem conseguido um ano de paz na história. Mas, essa incapacidade de paz que caracteriza a nossa espécie também se faz agora insustentável porque nossa atual capacidade de autodestruição não admite comparação no tempo. Naranjo afirma que a fonte de todos os males de nossa sociedade e que nos tem conduzido a crise atual é nossa incapacidade para nos relacionar, para nos amarmos, ou seja, a incapacidade para obedecer ao mandamento cristão de amar ao nosso próximo, nos amar a nós mesmos e amar a Deus. Essa incapacidade nos impede de manter relações verdadeiramente fraternais com os que nos rodeiam de onde surge uma sociedade doente e toda sua corte de problemas secundários.

Diante de tal quadro, Naranjo em sua obra *La agonía del patriarcado*, apela a Alexander King,⁷ para uma saída da situação e é dar junto com a tecnologia importância à educação com os seguintes objetivos:

⁶[Psicologia] Relativo a parte da psicologia, ou psicoterapia, que analisa o ser holisticamente, considerando todos os seus aspectos (biológicos, individuais, sociais e espirituais), não somente os particulares. Etimologia (origem da palavra transpessoal).

⁷ Co-fundador do Clube de Roma e autor do livro *La primera revolución mundial*.

- Adquirir conhecimentos.
- Estruturar a inteligência e desenvolver as faculdades críticas.
- Desenvolver o conhecimento de Si próprio e a consciência das próprias qualidades e limitações.
- Aprender a vencer os impulsos indesejáveis e o comportamento destrutivo.
- Despertar permanentemente as faculdades criativas e imaginativas da pessoa.
- Aprender a desempenhar um papel responsável na vida da sociedade.
- Aprender a se comunicar com os demais.
- Ajudar as pessoas a se adaptar e se preparar para as mudanças.
- Permitir a cada pessoa a aquisição de uma concepção global do mundo.
- Formar as pessoas para serem operativas e capazes de resolver problemas (Naranjo, 1993, p.108).

Em tais propostas, Naranjo ainda tem suas reservas nessa que considera linguagem de pura objetividade inspirada no mundo da economia, da política e da engenharia, nas quais se perde algo que considera vital e substancial: “parece-me significativa a ausência de palavras tais como ‘amor’ e ‘compaixão’, observa. E vai além:

Mas, acredito que o problema não é tão insolúvel como parece. A chave definitiva estribaria num modelo diferente de formação dos educadores que atualmente recebem um excesso de bagagem intelectual e uma insuficiente educação emocional e espiritual (Idem, p.109).

Naranjo ainda propõe que assim como o Renascimento italiano centrou-se na arte, nosso atual renascimento terá que surgir na psicologia e nas novas religiões. Um signo característico é a expansão do neo xamanismo⁸. O xamã⁹ une em si as qualidades do médico, do educador e do sacerdote. No seu conceito a sociedade reclama hoje uma conciliação entre educação, saúde (restabelecimento) e espiritualidade. Uma nova política educativa, uma formação holística,

⁸ O xamanismo consiste em práticas rituais ancestrais, pois se originaram no Paleolítico, e tem como objetivo manter o contato com o sagrado. Por meio dessas práticas, tem-se contato com os ancestrais, os espíritos da natureza, os espíritos animais etc. Esses rituais são marcados por danças, músicas e pelo consumo de enteógenos, substâncias não sintéticas (vegetais) utilizadas em contextos religiosos e podem ser psicodélicos ou não, exemplos de enteógenos são: a ayahuasca, o rapé, o peyote e os cogumelos.

⁹Xamãs são homens e mulheres de grande talento, que dominam um complexo vocabulário e um tesouro de sabedoria a respeito de ervas, rituais, procedimentos de cura e o mundo dos espíritos de suas culturas. Os primeiros exploradores e etnógrafos russos sugeriram que os primeiros xamãs eram simples curadores da natureza.

como novo instrumento para a reeducação do amor, que preste tanta importância ao desenvolvimento emocional e espiritual quanto ao intelectual.

Faz um chamado a todos aqueles que ostentam algum tipo de responsabilidade política, além das ideias colocadas contra os males da tecnologia, do nacionalismo patriarcal, da divisão das nações ligadas demais à noção de soberania e patriotismo, começar a se perguntar o que fazer e ter em perspectiva a criatividade coletiva como a probabilidade de ser capaz de fazer a diferença. Essas reflexões se apóiam nos princípios libertários de Erich Fromm¹⁰ (1900-1980),

Certamente, nacionalismo e patriotismo são algo assim como a aberração do individualismo egocêntrico elevada ao coletivo, uma atitude que, segundo Fromm, coloca a própria nação acima da humanidade, acima dos princípios da verdade e da justiça, algo muito diferente da justa estima pela própria nação. “O amor ao próprio país dissociado do amor à humanidade” –afirma Fromm --“não é amor senão culto idolátrico” (Naranjo, 1993, p.61).

Claudio Naranjo aponta ainda, que temos autêntica necessidade de um planeta política e economicamente unificado e observa que “não é necessário ser marxista para reconhecer que o estado soberano é um conceito obsoleto” (idem). Vamos caminhando, assegura, para um equilíbrio entre os sexos e também entre as gerações, e é de se esperar que possamos alcançar eventualmente um mundo que não esteja baseado no afã de lucro, um mundo no qual as motivações para agir surjam do instinto e do amor e não contaminadas pela insegurança, a cobiça neurótica, a angústia pela supervivência-, ou por valores fictícios.

Rüdiger Safranski ou o drama da liberdade

Para Safranski a liberdade continua sendo um enigma e o pensamento não têm conseguido nunca se desfazer desse problema. Suas reflexões sobre o mal e a liberdade estão ligadas aos sistemas filosóficos e aos conceitos de religião, moral, ideologia e ao papel da arte, que existem porque “a liberdade humana é inventiva e necessita de um suporte para se vincular”.

A leitura de sua obra *El mal o el drama de la libertad* (não traduzida ao português) nos permite transitar sobre aspectos sensíveis dos conflitos que pesam desde sempre sobre o

¹⁰ Autor do livro *O medo à liberdade*.

indivíduo que, segundo ele, hoje na civilização da ciência e da tecnologia já perdeu a inocência da ignorância. Nosso foco aponta para as suas elucubrações sobre a função da arte.

Acredita-se que a arte é boa, porque nos conduz ao prodígio de conseguir que a beleza apareça como verdadeira e a verdade como bela. Conceito formulado por Hegel e que procede de uma poderosa tradição. Através desse princípio, Rüdiger Safranski nos persuade de que implica também a concepção de que a arte teria que desempenhar uma função útil na ordem do mundo. De modo que a arte se tem por boa, na medida em que produz o bem. Portanto, para demonstrar a justificação de sua existência, a arte há de ser útil. Existe uma necessidade de justificação. A arte se confronta com a pergunta por seu direito de existir num mundo, que pelas razões que seja, vai de mal a pior. A vida hoje é essencialmente trágica. Para que a arte se faça boa, se lhe designa uma responsabilidade pelo todo.

Platão já tinha reflexionado acerca de se no seu Estado ideal deveria ter arte, e se de haver, qual seria sua configuração. O platonismo estabelece também uma concepção da administração política da arte. Na época moderna, posto que a política se havia convertido num “destino” com maior força, não cessaram os intentos de querer se fazer da arte um instrumento político. A arte, inclusive sem tutela ideológica, impõe-se sob o critério da utilidade social e submete-se a essa responsabilidade. O projeto de utilidade social, na sua forma nobre, exige da arte que assuma a ideia de justiça. Pois num mundo cheio do mal, a pergunta de se a arte é um luxo elitista, se consiste num retiro a uma torre de marfim, pode facilmente derivar a uma questão lacerante para a própria arte. Cabe perguntar: é alheio o propósito artístico da responsabilidade social? Pode se descobrir precisamente na felicidade elitista da arte seu mau coração?

Safranski nos ilustra, citando os grandes clássicos:

Tolstoi, por exemplo, ao final de sua vida, desfaz-se da lira por sensibilidade diante do oceano do sofrimento social que testemunha no seu entorno e exorta a empreender algo socialmente mais útil que a narração de histórias inventadas. Portanto, há uma traição à essa concepção da arte por solidariedade com a miséria ou a injustiça. E de fato, na Rússia bolchevique se impôs a destruição revolucionária da cultura em virtude desse impulso (Safranski. 2010 p.202).

Mais adiante no século XX, Brecht dizia que, em certos momentos, uma conversa sobre as árvores podia ser um delito. Porém, Brecht resolveu o problema da teodiceia¹¹ da arte de

¹¹ Teodiceia é um termo derivado do título da obra Ensaio de Teodiceia do filósofo alemão Leibniz, que sustenta a existência de Deus a partir da discussão do problema da existência do mal e de sua relação com a bondade de um Deus onisciente e onipotente.

forma diferente a Tolstoi. A arte teria que ser uma arma na luta contra a miséria e a exploração (p. 203).

Reflexionando sobre o Marques de Sade (1740-1814), Rüdiger Safranski observa que o estilo de sua obra continua sendo bastante convencional e também o dos escritores que seguem seus passos:

...os revolucionários estéticos, poetas malditos, como Baudelaire, Poe, ou Rimbaud, não o superaram na radicalidade dos seus temas, mais, sim no estilo, na forma de escrever. Quando Baudelaire sonha liricamente com os 'patíbulos'; quando Poe traduz o pesadelo dos perversos em magia linguística, ou quando as ébrias marés de imagens de Rimbaud tendem à <confusão sistemática> dos sentidos, todos eles seguem ao Marques. Eles nos conduzem ao coração das trevas ou ao fim do mundo. O mal se transforma em tentação estética para os que estão saturados das delícias cotidianas, e por isso, procuram o supra terrestre no infra terrestre (p.184).

Ou seja, nas drogas ou nos devaneios.

Um recorte a seguir nos permite transitar da obra *Os 120 dias de Sodoma* de Sade para o filme de Pasolini *Saló ou os cento e vinte dias de Sodoma*, onde leva a extremos insuportáveis a relação de corpos, sexualidade e fascismo. Temas esmagadoramente contemporâneos. Safranski adverte que nunca poderemos saber o que na realidade fez Sade. Sabemos quem o conhece por seus escritos, que era um libertino. Ele mesmo dizia "sou um libertino, mas, não sou nem um delinquente, nem um assassino". As monstruosidades que imaginou estão documentadas nos seus escritos. Sade confessou que sua obra não só trata do mal, se não que ela mesma é o mal. Sua obsessão era achar o mal absoluto, mas essa possibilidade se lhe escapa, igual que escapa o insondável de um Deus absoluto. Pois, nas palavras de Safranski a destruição absoluta não é possível, nem sequer na fantasia.

Construindo um relato visual "cruel", desde a montagem de textos de Dante, Sade, Bataille, Klossowski e Barthes, Pasolini explorou os círculos dos infernos da dominação a partir das figuras tradicionais que manejam hegemonicamente o poder: poder militar, econômico, religioso, burocrático, metaforizados numa corrente de humilhações e aberrações sexuais até a tortura. Embora, nas palavras de Safranski não é necessário recorrer ao diabo para entender o mal. O mal pertence ao drama da liberdade humana. É o preço da liberdade. A consciência faz que o homem se precipite no tempo: num passado opressivo, num presente fugidio; num futuro capaz de nos inquietar, que pode se converter num quadro ameaçador, como é o de uma possível terceira guerra mundial, por exemplo. O sujeito não se reduz ao nível da Natureza. Vai além dela...

Tudo seria mais simples, diz Safranski, se a consciência fosse apenas ser consciente, mas tudo se desmorona diante de um horizonte de possibilidades. A consciência pode transcender a realidade atual e descobrir um nada vertiginoso, ou bem, um Deus, no qual tudo alcança sua quietude. Ou talvez não consiga eliminar a suspeita de que possivelmente esse nada e Deus sejam o mesmo. De qualquer forma, um ser que diz “não” e que conhece a experiência do nada pode escolher também a aniquilação. Safranski opina que na relação precária do sujeito, a tradição filosófica fala de uma “falta do ser”. As religiões nascem da experiência dessa deficiência. Também a Psicanálise.

Podemos perguntar de onde surge o mal e por quê? Tanto nos relatos bíblicos como nas teogonias¹² gregas aparece a suspeita de que o caos, a violência e a destruição não apenas são a origem de todas as coisas, se não que permanecem latentes na civilização. Por outro lado, a pergunta de que por que existe o mal enfrenta à humanidade ao tema da liberdade e ao fato de que o ser humano seja o “animal não fixado”, porque tem a possibilidade de escolher. De fato, com maior ou menor intensidade, todos os homens tiveram que confrontar a experiência do mal em algum momento de sua vida.

Para o autor, o mal não é nenhum conceito, é mais bem um nome para o ameaçador, algo que sai ao passo da consciência livre e que ela pode realizar. Sai ao passo da natureza, aí onde ela se fecha à exigência de sentido, no caos, na contingência, na entropia, no devorar e ser devorado, no vazio exterior, no espaço cósmico, ou na própria mesmice, no buraco negro da existência. E a consciência pode escolher a crueldade, a destruição além de si mesma. Os fundamentos para isso estão no abismo que se abre diante do ser humano.

O que decide acerca de si a história se desenvolve no sentido do bem ou do mal não é a constituição dos homens, se não a forma de sua união mútua. Alguns insistem no mercado e na divisão de poderes, outros nas relações de produção. Porém, em ambos os casos se subestimam os riscos da liberdade. Há abismos da liberdade, abismos que os excessos do Marques de Sade deixam entrever, assim como três séculos depois, mais perto, o filme de Pasolini. Nesses exemplos pode se descobrir o mal que só se quer a si mesmo e que em definitivo quer o nada. Foi a estética do terrível a que explorou esse nada sedutor e ameaçador. As obras de ambos os autores estão ligadas aos seus diversos contextos políticos e históricos e mostram uma visão da destruição e da violência. Como em tantos artistas ao longo da história

¹²Nas religiões politeístas, narração do nascimento dos deuses e apresentação da sua genealogia. A Teogonia é a narrativa clássica da origem do cosmos, dos deuses e dos heróis na mitologia grega. O livro que hoje conhecemos como Teogonia é a compilação de uma série de narrativas orais que se reúnem sob o nome de Hesíodo e trata da genealogia e hierarquia dos deuses e heróis da mitologia grega.

da humanidade, a arte é um resgate para a sobrevivência. Os escritores do boom latino-americano em maioria: Asturias, García Márquez, José Donoso, e tantos outros que denunciam direta ou indiretamente as atrocidades das ditaduras.

Se a ordem dos assuntos humanos leva inerente a luta do espírito contra o espírito e a vida, Safranski postula que enquanto perdurem os assuntos humanos e não se tenha alcançado o reino de Deus, seguirá havendo como consequência guerra e destruição. A história do gênero humano superpõe-se com a história de suas múltiplas inimizades. E nem sequer as religiões ou os costumes emanados delas conseguem mudar essa situação. As religiões ajudam a conservar moralmente a ordem de uma comunidade, conferem uma identidade a grupos sociais ou povos inteiros. Nesse sentido são uma ajuda para a instituição da paz. Embora, trata-se de uma paz territorial, limitada a um povo ou a um círculo cultural, mas, que se mantém em pé de guerra pelas fronteiras diante de outros, que tem outros deuses. Também entre os deuses está dividido o mundo. As religiões, longe de apaziguar as inimizades, podem fortalecê-las e inclusive provocar outras novas. Segundo o Evangelho de Lucas, Cristo diz: “Tenho vindo para prender fogo na terra... acreditais que tenho vindo para trazer paz à terra? Os digo que não, tenho trazido mais bem a discórdia...”

Tudo parece indicar que as inimizades pertencem à pedra primitiva da natureza humana. São tão elementares, que os sonhos prometedores de um final das mesmas chegaram a se desmascarar como exaltados e carentes de solo firme. De fato, quando retornaram ao terreno da realidade, com frequência deram ocasião a novas inimizades e guerras.

Para Safranski são numerosas as teorias que tentam explicar o problema das relações elementares da inimizade. Como causa, as teorias mencionam a própria conservação, o interesse de se distinguir dos outros e se significar diante deles, a vontade de poder, o gosto na violência. E questiona, se as qualidades mencionadas são naturais ou se têm sido adquiridas culturalmente. Trata-se de pressupostos iniludíveis da vida humana ou pode se mudar algo, transformando a sociedade e sua cultura?

Diferente dos animais, o ser humano está inacabado, e tem aberta ainda a tarefa de se aperfeiçoar. O que Rousseau chama o princípio da perfectibilidade. O princípio de perfectibilidade não só pode-se utilizar para construir algo, também é possível reconstruir ou construir de novo. A exclamação “retorno à natureza” não teria um eco ainda subsistindo na atualidade se Rousseau nos enviasse a longínquos caminhos: ao obscuro passado, aos exóticos países distantes, a um futuro imprevisível. Porém, na realidade, Rousseau aponta um caminho

que parece ser o mais curto: há que entrar em si mesmo, ali se encontra a natureza como voz do coração. Não estão os princípios gravados em todos os corações? E não basta para apreender as leis com volver a si mesmo? O caminho da iluminação está em aberto para o ser humano...

Se considerarmos a representação do mal na arte e também o mal para a arte, a tribulação que os riscos da imaginação provocam na arte, pelo perigo que significam a aniquilação e o nada, desaparece facilmente o mais obvio, e escapa a profunda e fundamental segurança de que a arte está unida à ideia do belo. A distorção na arte pós-moderna é uma demonstração da complexidade dos conceitos de beleza: Picasso e o cubismo servem de exemplo.

Para Safranski a liberdade humana continua sendo enigmática. O pensamento nunca conseguiu se liberar desse problema. Os sistemas filosóficos, a religião e a moral existem porque a liberdade humana é inventiva e ao mesmo tempo necessita um suporte ao qual se vincular. Aí entra também a arte. Mas, hoje na civilização da ciência e da tecnologia, acaso não desaparece em realidade o território do jogo da liberdade? Sua conclusão: temos perdido a inocência da ignorância. Esse processo civilizatório não se tem transformado em algo contraproducente e por tanto, mau? Por outro lado, uma luz no fundo do túnel: as ciências estão mudando e tem sofrido influência da arte, da literatura e da cultura. Os cientistas de hoje estão sendo biocêntricos. A Biomimética¹³ está apontando às origens, para deixar atrás a economia baseada na competição e assinalando o caminho de retorno ao mutualismo do mundo animal, e trocar o conceito da lei do mais forte pela lei do mais adaptado.

Finalmente, a realidade demonstra que artistas têm se submetido a essa exigência de utilidade social. Nunca puderam ficar indiferentes. As raízes e tradições do existencialismo¹⁴, por exemplo, se baseiam nesses princípios que despontaram com grande força nas obras literárias e filosóficas de Jean Paul Sartre no século XX com o conceito de engajamento da arte e seu compromisso com a verdade. Nessa linha histórica do pensamento desfilam nomes destacados na sua genealogia desde Sócrates (470-399). O “conhece-te a ti mesmo” inscreve-se no início da filosofia ocidental. Santo Agostinho, Heidegger, Kierkegaard entre outros marcam um caminho no que surgem temas e problemas característicos do pensamento existencial: a finitude, a contingência e a fragilidade da existência humana; a alienação, a solidão e a comunicação; o segredo, o nada, o tédio, a náusea, a angústia e o desespero; a

¹³ A *biomimética* é a área da ciência que estuda os princípios criativos e estratégias da natureza, visando a criação de soluções para os problemas atuais.

¹⁴ CORBISIER, Roland. Enciclopédia Filosófica. RJ: Editora Vozes, 1974.

preocupação e o projeto, o engajamento e o risco, elementos todos próprios da perspectiva antropológica, das que sem dúvida partem os conflitos, mas, também a procura por soluções e suas discrepâncias.

Referências

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. RJ: Editora Record, 2018.

NARANJO, Claudio. **La agonía del patriarcado**. Barcelona: Editorial Kairós, 1993.

SAFRANSKI, Rudiger. **El mal o El drama de la libertad**. Barcelona: Fabula Tusquets Editores, 2010.

ECO, Umberto. O Fascismo Eterno. In: ECO, Umberto. **Cinco Escritos Morais**. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 29-38.

ECO, Umberto. Ur-Fascism: Freedom and liberation are an unending task. **The New York Review of Books**, 22 de Junho de 1995. Disponível em: https://www.pegc.us/archive/Articles/eco_ur-fascism.pdf